



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS XIV**

DAISE MARIA SILVA DOS SANTOS

***BLACK MIRROR* E MUDIATIZAÇÃO:
Uma reflexão sobre as formas de sociabilidade na sociedade contemporânea**

Conceição do Coité – BA

2019

DAISE MARIA SILVA DOS SANTOS

BLACK MIRROR E MUDIATIZACÃO:

Uma reflexão sobre as formas de sociabilidade na sociedade contemporânea

Monografia de conclusão apresentada ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador (a): Prof^a Ma. Vilbégina Monteiro

Conceição do Coité – BA

2019

DAISE MARIA SILVA DOS SANTOS

BLACK MIRROR E MUDIATIZAÇÃO:

Uma reflexão sobre as novas formas de sociabilidade na sociedade contemporânea

Monografia de conclusão apresentada ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cleidiana Patrícia Costa Ramos

Prof.^a Ma. Thiane de Nazaré Monteiro Neves Barros

Prof.^a Ma. Vilbégina Monteiro dos Santos (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Devo começar agradecendo a Deus, meu criador e dono da minha vida, sem a presença dEle, certamente não estaria concluindo esse ciclo.

Agradeço a minha família, minha base, razão de ter chegado até aqui, a minha mãe em especial, meus irmãos, Daiane e Daniel, e aos meus sobrinhos que tanto amo.

A essas pessoas, toda minha gratidão, minha tia Elenira, minha querida madrinha/professora Marilúcia Rodrigues. Ao incentivo – em todos os sentidos - da professora Maria Das Dores. Minha pastora Cleidineia, a Claudiane que me receberam como filha nessa cidade, ainda que eu agradeça por toda vida não seria suficiente.

A minha orientadora, a professora Vilbégina Monteiro, companheira, nesse processo tão difícil. Obrigada por toda paciência e humanidade!

A minha Universidade por me conceder todo suporte para a conclusão do curso e abrir portas para tantos outros caminhos.

A minha amiga/irmã do coração Vanessa Carvalho.

E por fim e não menos importante, agradeço ao meu amor e futuro esposo, Roni Almeida, pelo companheirismo, incentivo e por acreditar em mim.

Agradeço a vida, foram muitos períodos difíceis, nestes encontrei esperança para ser alguém melhor!

Depois, quando eu aprendi a ler, devorava os livros, e pensava que eles eram como árvores, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que havia um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas eu descobri que era assim e disse: "isso eu também quero". [... mas...] Escrever memórias não faz meu estilo. É levar ao público passagens de uma vida. A minha é muito pessoal.

Clarice Lispector

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. COMUNICAÇÃO, MIDIATIZAÇÃO E SOCIABILIDADE	14
2.1. Da Origem da Comunicação à Mdiatização.....	15
2.2. O Conceito de Mdiatização.....	18
2.3. Sociabilidade e Socialização.....	22
3. LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO OBJETO DE ESTUDO: A SÉRIE BLACK MIRROR E O CONTROLE DE COMPORTAMENTO.....	25
3.1. A série <i>Black Mirror</i>	26
3.2 Sociedades Disciplinar e Sociedades de Controle.....	28
3.3 “O olho que tudo ver”: A Vigilância no episódio Arkangel.....	32
4. CULTURA DIGITAL, ATORES SOCIAIS E INTERAÇÕES	37
4.1 A Mdiatização das Relações Sociais em Tempos Digitais: Estamos em <i>Queda Livre</i> ?	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

RESUMO

A humanidade vive um momento chave em sua história, que vai interferir no seu modo de viver e estruturar as relações sociais, isso se dá devido ao significativo desenvolvimento das tecnologias da Comunicação e Informação. É nesse contexto que a midiatização emerge como importante âmbito de prática social e de geração de pesquisa nos estudos comunicacionais. Um novo modo de ser no mundo tem se instaurado. Diante desse cenário, essa pesquisa busca analisar dois episódios, *Arkangel* e *Nosedive*, da série britânica *Black Mirror*, pois o seriado ilustra o uso das redes no meio social, abordando de forma futurística – porém, não muito distante do tempo presente, num misto entre fantasia e realidade - como os dispositivos tecnológicos assumem uma nova característica interacional, não sendo meramente responsáveis por promover a comunicação entre os indivíduos, mas, assumem novas configurações e passam a controlar o comportamento desses sujeitos na sociedade. Os conceitos de Midiatização, Sociabilidade, Vigilância e Interação, são a base teórica dessa pesquisa. Pensados a partir da análise desses dois episódios, a fim de refletir como as novas tecnologias interferem na construção da subjetividade do sujeito, instaurando novas formas de interações, culminando em outras possibilidades de sociabilidade.

PALAVRAS – CHAVE: Comunicação. Midiatização. Sociabilidade. *Black Mirror*.

ABSTRACT

Mankind lives a key moment in its history, which will interfere in its way of living and structuring social relations, this is due to the significant development of communication and information technologies. It is in this context that mediatization emerges as an important scope of social practice and of research generation in communicational studies. A new way of being in the world has been established. In view of this scenario, this research seeks to analyze two episodes, Arkangel and Nosedive, of the British series Black Mirror, because the show illustrates the use of networks in the social environment, approaching in a futuristic way – but not far from the present time, in a mixed Between fantasy and reality-as technological devices assume a new interactional characteristic, not being solely responsible for promoting communication among individuals, but assume new configurations and begin to control the behavior Of these subjects in society. The concepts of mediatization, sociability, vigilance and interaction are the theoretical basis of this research. Based on the analysis of these two episodes, in order to reflect how the new technologies interfere in the construction of the subject's subjectivity, establishing new forms of interactions, culminating in other possibilities of sociability

KEYWORDS-KEY: Communication. Mediatization. Sociability. *Black Mirror*.

1. INTRODUÇÃO

O processo de globalização simultâneo a maturação e convergência das tecnologias de Informação e Comunicação problematizaram e complexificaram o desenvolvimento da comunicação, prática, até então, natural da humanidade, promovendo múltiplas formas e modulações na sua realização. A comunicação não surge com a modernidade, com os meios de comunicação ou com a *Internet*, ela sempre existiu desde os primeiros agrupamentos humanos. Trata-se do processo básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas (FRANÇA, 2001 p. 41).

A humanidade vive um momento chave em sua história, que vai interferir no seu modo de viver e estruturar as relações sociais. Gomes (2017) diz que a invenção da escrita, foi quem sabe o mais significativo marco da vida humana, assim como o desenvolvimento da palavra. Entretanto o estupendo desenvolvimento das tecnologias digitais configura outro salto quântico, fazendo com que a humanidade alcance um patamar superior, experimentando uma mudança radical no seu modo de pensar e de agir (GOMES, 2017 p. 126). Se o desenvolvimento dos meios de comunicação tradicionais promoveram mudanças no tecido social, hoje, no século XXI, época na qual as novas tecnologias têm tido papel central na vida do homem moderno, pode-se dizer que um novo modo de ser no mundo, de maneira global, tem se instaurado por conta dos novos “*media*”.

O uso recente das tecnologias digitais e a sua difusão em todas as esferas da sociedade nos permite dizer que a vida é digital. Nas últimas décadas o modo como aprendemos sobre o mundo é digital. A sociedade está permeada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação e mesmo aqueles que hesitam em aderir o uso desses aparelhos estão em contato com essas tecnologias por meio de quem faz uso destas. No trabalho, no encontro com os amigos, no trânsito, no dia a dia, estamos em contato com as tecnologias digitais. Alguns fatores, tais como, a facilidade de comunicação, a ideia de está presente na rede – ver e ser visto – ter acesso imediato ao que acontece a nossa volta, seja qual for à motivação ou necessidade estamos o tempo todo conectados. Os *smartphones*, os *tablets* que facilmente podem ser levados de um lugar para outro nos possibilita, por meio da *Internet*, realizar pesquisas, ter acesso às plataformas, aos *apps*, filmes, séries, fazer chamadas ao vivo, compartilhar fotos, vídeos, a localização e a vida. Está *online* é

uma característica desse tempo, não sendo necessário abrir mão de um lugar ou uma tarefa para realizar outra. A convergência não se deu somente na fusão das mídias, mas os indivíduos, ao se adaptarem a essa nova realidade, também se tornaram convergentes, ou ainda, seres multimídias.

Esse fenômeno é denominado por alguns pesquisadores de Mídiação, já que os atores individuais e coletivos passaram a utilizar as tecnologias como mediadoras de suas práticas diárias (re)criando novas formas de sociabilidade. Ancorado nesse cenário atual da sociedade surge o problema de pesquisa desse trabalho: Como os dispositivos móveis de Comunicação, que temos acesso diariamente, modificam a nossa forma de estar no mundo e encetam novas configurações na sociedade? Há uma complexidade por trás desse questionamento, por isso traremos, no decorrer dessa pesquisa, questões que estão presentes na contemporaneidade, como a cultura da vigilância e os novos tipos de interação no ciberespaço.

Essa nova ambiência se instaura através de um processo transitivo. A inserção dos dispositivos digitais de comunicação contribui para a crescente da chamada sociedade digital, inclinando-se para ser responsável por grande parte das transformações que estão ocorrendo. O modo como nos comportamos, nos relacionamos e consumimos determinados conteúdos também têm se transfigurado. Esse cenário digital permitiu que as séries, já presentes há décadas nas TV's, ganhassem ainda mais notoriedade viralizando para públicos variados e de faixas etárias diferentes. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) inauguraram novas possibilidades na forma de produção, linguagem e recepção desse produto.

Por isso o presente trabalho tem como objetivo geral analisar dois episódios, *Nosedive* e *Arkangel*, da série britânica *Black Mirror*. Essa produção audiovisual se fomenta aqui como um produto cultural e objeto de estudo, pois, o contexto vivido pelos personagens nesses dois episódios ilustra o uso das redes no meio social, abordando de forma futurística – porém, não muito distante do tempo presente, num misto entre fantasia e realidade – como os dispositivos tecnológicos assumem uma nova característica interacional, não sendo meramente responsáveis por promover a comunicação entre os indivíduos, mas, assumem novas configurações e passam a controlar o comportamento desses sujeitos na sociedade. A partir da análise

discutiremos de que forma o processo de midiatização, em ascensão na sociedade contemporânea, a vigilância e os tipos de interações contribuem para o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade, já que estes fenômenos criam um ambiente humanamente novo, interferindo no modo de relacionar, agir e ser dos indivíduos e, nos coletivos que constituem a sociedade de massa.

O que fomenta esse estudo é a necessidade de refletir sobre essas transformações sociais e a reconfiguração do tecido social que as novas mídias têm causado nos seres individuais e coletivos que compõe a sociedade. Esse é um preâmbulo que instiga alguns questionamentos para pensarmos o espírito desse tempo na comunicação. É interessante considerar esse novo cenário social, promovido pelas novas tecnologias, a partir de uma produção audiovisual, pois, como afirma o filósofo Pondé (2003), podemos entrar em contato com a realidade por meio de recursos ficcionais, o que não significa que esses mesmos recursos não sirvam à relação entre o ser humano e a realidade. Neste sentido, os episódios que serão analisados nesse trabalho ambientam relações humanas insólitas mediadas por dispositivos tecnológicos e, ainda que pareça um tanto arbitrário ou exagerado, faz uma analogia com a sociedade contemporânea, pois, devido ao uso intenso das tecnologias em maior ou menor grau, há uma identificação com os casos abordados na série.

Tendo em vista que esse estudo se trata de uma análise, adotou-se a metodologia de pesquisa qualitativa. Esta, por sua vez, tem como finalidade conseguir dados voltados para compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinado grupo de pessoas. A revisão bibliográfica desse trabalho traz para essa discussão conceitos tradicionais de alguns autores que nem viveram nessa época, mas, suas pesquisas servem como pilar para o desenvolvimento e reflexão desse estudo, bem como da estrutura social desse tempo. Esses autores desenvolvem um olhar sobre o espaço orquestrado pelo virtual e como estão inseridos neste espaço os novos sujeitos sociais que interagem com as novas e tradicionais formas de representação da realidade numa dimensão chamada cultura digital, uma nova ordem cultural que modifica os valores e as relações do homem com as novas tecnologias.

Por tanto, para um melhor tratamento e entendimento do que é esta sociedade dita midiatizada e como são estabelecidas as relações sociais nesse

tempo, utilizaremos conceitos – chave e as pesquisas dos estudiosos: Verón (2014), Stig Hjarvard (2012 - 2014), de Marshall McLuhan (1969). Utilizaremos ainda as reflexões do filósofo Gilles Deleuze (1990), sobre Sociedades de Controle com base nos estudos de Michel Foucault (1987) sobre Sociedades Disciplinar, Interações (THOMPSON, 2018), as representações na rede, (RECUERO, 2009) e a construção de subjetividades dos usuários no ciberespaço (SIBILIA, 2010).

O primeiro capítulo desse trabalho intitulado *Comunicação, Mídiação e Sociabilidade*, se debruçará em trazer um quadro teórico a respeito do conceito de Mídiação. Discutir sobre esse conceito se torna uma tarefa árdua, já que este perpassa por diversos campos sociais. Abordaremos também outro conceito importante para esse trabalho, ainda no primeiro capítulo, o de Sociabilidade e Socialização, a fim de pensarmos como se dão as relações sociais na era digital, já que a possibilidade de interação entre emissores e receptores é um fator permitido pela convergência tecnológica, por meio da qual as lógicas de mediação na comunicação se modificam constantemente.

No segundo capítulo denominado *Linguagem Audiovisual como Objeto de Estudo: A Série Black Mirror e o Controle de Comportamentos* discutiremos a importância de uma produção audiovisual como objeto de estudo, pois essas produções não são vistas meramente como forma de entretenimento, mas de pesquisa e reflexão sobre a composição da sociedade atual. Pontuaremos ainda, as diferenças entre as sociedades disciplinar e a sociedades de controle, ao passo que abordaremos o episódio *Arkangel* e como a cultura da vigilância também contribui para formação de novos comportamentos.

Por fim, no último capítulo: *Cultura Digital, Atores Sociais e Interações* trataremos as contribuições do pesquisador brasileiro André Lemos (2010) a respeito do conceito de Cibercultura e a progressiva transição para o que se denomina hoje de Cultura digital. Os elementos que compõem a atuação dos indivíduos na rede, e, a partir da análise do episódio *Nosedive*, considerar os novos tipos de interações nessa sociedade midiaticizada, e como o uso intenso dos novos dispositivos interfere na construção de relações subjetivas e encetam novas configurações sociais.

Diante das colocações iniciais desse trabalho, sintetizando, a sociedade está numa nova ambiência e se faz necessário refletir sobre esse cenário, já que somos seres individuais e coletivos. Constituímos essa sociedade midiaticizada, por isso é

preciso discutir e perceber nosso lugar no mundo, mundo esse que está em constantes modificações condicionando as relações sociais e as interconexões entre as pessoas e a sociedade. Boa leitura!

2. COMUNICAÇÃO, MIDIATIZAÇÃO E SOCIABILIDADE

A comunicação enquanto disciplina específica é um campo de estudo e análises de múltiplas disciplinas. Uma característica própria da comunicação reside na íntima relação dos processos comunicacionais e o desenvolvimento social, ou seja, trata-se de uma leitura do social realizada a partir dos meios de comunicação (MARTINO, 2006). Essa é base que instiga a pensar o que a ciência denomina como *zeitgeist*¹ ou o “espírito do tempo” de determinado campo. São conceitos que pela sua supremacia semântica e potencial teórico merecem visibilidade. É nesse contexto que a midiatização emerge como importante âmbito de prática social e de geração de pesquisa nos estudos comunicacionais.

O presente capítulo desse trabalho se debruçará em descrever o processo de construção do conceito de Midiatização, um fenômeno que tem emergido e se consolidado nos estudos comunicacionais. Os conceitos funcionam para a ciência como *Zeitgeist* teóricos e expressam o espírito de determinado campo social. Martino afirma que

a importância da definição do conceito advém justamente da necessidade de recortar e selecionar de certa realidade empírica os seus traços mais significativos (no sentido de Max Weber). É através do conceito que nós limitamos e conseqüentemente definimos um objeto de estudo (MARTINO, 2006, p. 39).

Diante de tal afirmação, é possível afirmar que a midiatização se torna um conceito potente e promissor para a finalidade desse trabalho, se configura como uma base teórica para a análise que será apresentada posteriormente. Nesse sentido, “a midiatização serve como ferramenta para analisar criticamente a inter-relação entre mudanças na mídia e comunicação, bem como mudanças na cultura e na sociedade” (HEPP, 2014 p. 197). A fim de entendermos esse cenário, será traçado um percurso histórico do surgimento da Comunicação Humana, dos Meios de Comunicação de Massa até os dias de hoje, a era digital, na qual a midiatização é apresentada como um conceito importante nas discussões teóricas da Comunicação.

¹ O conjunto do clima intelectual e cultural de um povo numa determinada época é chamado de *Zeitgeist*, termo alemão que une a palavra *Zeit* (tempo, época, curso de eventos) com *Geist* (o espírito, a essência, a alma). Esta união de palavras pressupõe que uma época histórica possui uma alma, uma essência própria e única que é fruto da conjuntura daquele momento. A tradução para o português ficou tida como espírito da época, ou espírito do tempo.

2.1 Da origem da comunicação à midiatização

Desde os primórdios, a humanidade foi submetida às inúmeras transformações que foram indispensáveis para chegar à construção de sociedade que se tem hoje. Segundo França (2001), a comunicação é inerente à existência humana, trata-se do “processo básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas” (2001, p. 41). Embora, para a consolidação do formato que temos atualmente, foi necessário adaptá-la de acordo com a época e as necessidades humanas.

A linguagem, a cultura e a tecnologia são indissociáveis do processo de Comunicação, é o tripé que norteia o desenvolvimento da humanidade. A tecnologia se configura como qualquer mecanismo que possibilite ao homem executar tarefas exteriores, ou seja, como extensão ao seu corpo.

Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (MCLUHAN, 1969, p. 21).

Nos primeiros agrupamentos humanos a tecnologia foi utilizada como forma de sobrevivência. Os primeiros instrumentos primitivos, lascas de pedra utilizadas há milhões de anos pelo homem provocou uma revolução, já que esses instrumentos iriam causar mudanças no meio ambiente e dar forma a terra, e, para além disso, também seriam responsáveis por provocar alterações biológicas no homem. “O cérebro que evoluiu para manejar o mundo em toda sua formidável complexidade era um sistema capaz de integrar a percepção da realidade por meio de todos os sentidos simultaneamente” (BURKE, 1999, p. 31).

A comunicação passou por uma espécie de metamorfose, foram necessárias diversas transformações fisiológicas e processos revolucionários para que o estágio atual fosse alcançado. Há uma incógnita a respeito de como a comunicação se estabeleceu entre os primitivos, o fato é que o homem conseguiu assimilar sons e gestos, dando origem aos signos:

Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a certo objeto ou ação. “Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência à outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos.” (BORDENAVE, 1982, p. 2).

O processo de organização e a combinação dos signos deram origem à linguagem. Os signos sonoros e visuais foram os primeiros a serem utilizados pelo homem a fim de romper barreiras como a distância. Entretanto, somente no século IV a. C, o homem seria capaz de driblar e vencer a limitação do alcance rompendo as barreiras grupais. O surgimento da escrita marca o início da história e inaugura um importante passo para a civilização. Enquanto a linguagem oral e escrita se desenvolvia, os meios de comunicação também iam se aprimorando, os chineses inventaram o papel, substituindo as superfícies de pedra, o papiro e os pergaminhos de couro.

Entre os anos de 1438 e 1440, o alemão Johann Gensflheish Gutenberg criou o sistema de prensa tipográfica. Este evento tecnológico revolucionário institucionalizou os meios de comunicação de massa, livros, jornais, revista, entre outros. Com uma força significativa na sociedade permitiu a comunicação e a interação em grandes distâncias e entre um maior número de pessoas, além de acumular informações ao longo dos anos (HJAVARD, 2012). Alguns anos depois, no vapor do desenvolvimento tecnológico, surgiu o rádio, marcando uma nova era nas comunicações, já que suas ondas sonoras possibilitaram a quebra de uma barreira, e, como consequências, surgem instituições modernas na sociedade, tais como o Estado, a esfera pública e a Ciência. O processo de modernização dos meios de comunicação cresceu de forma significativa, mas logo iria sofrer um impacto com o advento da Internet.

O surgimento da *Internet* inaugurou uma revolução tecnológica nos Meios de Comunicação massa, conforme considera Hjarvard (2012):

A comunicação, uma vez vinculada à reunião física de indivíduos, face a face, foi sucedida pela comunicação mediada, onde a relação entre emissor e receptor é alterada em aspectos decisivos. No caso da comunicação de massa os emissores geralmente mantêm controle sobre o conteúdo da mensagem, mas tem muito pouca influência sobre o uso que o receptor faz dela; no caso dos meios de comunicação interativos, tanto o emissor quanto o receptor podem influenciar o conteúdo da mensagem (HJARVARD, 2012, p. 59).

A relação entre sociedade e comunicação passou a ser problemática, já que os meios de comunicação começam a se transfigurar e adquirir centralidade na sociedade e na vida dos indivíduos que a constituem, assumindo assim uma nova característica interacional, não sendo meramente responsáveis por promover a

comunicação entre esses indivíduos, como nos primórdios, mas passam a controlar o comportamento desses sujeitos na sociedade (SANTOS; ALMEIDA, 2018).

Esses múltiplos entrecruzamentos entre mídia e sociedade e o fenômeno da convergência, ambientam o cenário social atual que estamos vivendo, o qual alguns pesquisadores denominam de sociedade midiaticizada, sociedade da informação ou ainda sociedade tecnológica.

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a ‘cultura da mídia’ (NETO, 2008, p. 92).

Esse breve traçado histórico do surgimento da Comunicação e dos meios de Comunicação de massa até a era digital é a mola propulsora que nos instiga a entendermos os meandros acerca do conceito de midiaticização, já que existem diferentes vertentes de pesquisa e formas de conceber a midiaticização. Entretanto, é possível dizer que esse fenômeno é um processo longo que tem acompanhado toda história da humanidade. Por se tratar de um conceito holístico, a midiaticização por vezes acaba esbarrando no conceito de mediação, entretanto como afirma Jesús Martín-Barbero (2009) a midiaticização são bases das mediações comunicacionais.

A mediação descreve o ato concreto da Comunicação através de um contexto social específico. Por outro lado, a midiaticização se refere a um processo mais a longo prazo, segundo o qual as instituições sociais e culturais e os modos de interação são alterados como consequência do crescimento da influência dos meios de comunicação na sociedade (HAJRVARD, 2012, p. 66).

Discutir sobre o conceito de midiaticização, se torna uma tarefa árdua, já que este perpassa por diversos campos sociais. Exploraremos, a seguir, alguns desses aspectos e as diferentes abordagens do conceito de midiaticização.

2.2 O conceito de midiatização

A comunicação enquanto campo do saber tem como importante âmbito de prática social e de geração de pesquisa aquilo que é caracterizado por midiatização. O processo de midiatização da sociedade já era tematizado muito antes de sua conceituação e se torna visível objeto de preocupação da academia no final do século XX. Braga (2012) caracteriza a midiatização como uma ambiência que transpõe as características tecnológicas dos meios de comunicar, interferindo intensamente também nas formas de sociabilidade. Ou seja, a partir do processo de midiatização, é possível pensar novas formas de sociabilidade na sociedade contemporânea, considerando principalmente as constantes transformações sociais marcadas pela liquidez nas relações.

A Sociedade midiatizada resulta da articulação entre os dispositivos tecnológicos e as condições específicas de produção e de recepção enquanto que a midiatização surge como processo decorrente da acelerada evolução tecnológica, bem como das demandas sociais, as quais fazem com que o ser humano aspire novas formas de comunicação (VERON, 1997, apud STASIAK, 2009, p. 80).

Para Martino (2006), na sociedade contemporânea, a comunicação sai do viés técnico, torna-se o centro de referência para a vida social e instala uma movimentação de valores que interferem na tomada de decisão de sujeitos e instituições. Esse fato se dá porque a midiatização em ascensão na sociedade está intrinsecamente ligada às novas tecnologias e as inovações promovidas por elas. Gomes (2017), um dos pesquisadores da midiatização no Brasil defende que:

Hoje, humanidade está vivendo uma mudança epocal, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional: um *bios* virtual. Mais do que uma tecno-interação, está surgindo, conforme já dito, um novo modo de ser no mundo, representado pela midiatização da sociedade. Esse novo modo de ser no mundo assume o deslocamento das pessoas do palco (onde são sujeitos e atores) para à plateia (onde sua atitude é passiva) (GOMES, 2017, p. 66).

Desse modo observa-se que a midiatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela

significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea (GOMES, 2017). O fenômeno social da midiática tira a centralidade dos meios de comunicação enquanto instrumentos técnicos de interação e cria um ambiente humanamente novo interferindo no modo de relacionar-se, agir e ser dos indivíduos nos coletivos que constituem a sociedade de massa (SANTOS; ALMEIDA, 2018).

Como já mencionado, há muitos meandros acerca do conceito de midiática. Por se tratar de um conceito de múltiplas vozes, o intuito aqui é apresentar um resultado preliminar sobre a midiática com base em outros quadros teóricos de estudos. De acordo com Hepp (2014), existem duas correntes de estudos sobre a midiática: a institucionalista e a tradição social-construtivista. A corrente Institucionalista é marcada pelo questionamento de como partes da cultura e da sociedade se tornam orientadas por uma lógica de mídia (HEPP, 2014). Stig Hjarvard (2012) é responsável por potencializar essa discussão e, defende que a tradição institucionalista está preocupada com a análise dos relacionamentos entre a mídia como instituição com as outras instituições. Além de considerar a mídia como uma instituição independente e com uma lógica própria que exerce influência sobre as demais. Desse modo, “o termo lógica de mídia se refere às formas pelas quais distribui recursos e material simbólico e opera com auxílio de regras informais” (HJARVARD, 2012, p. 68).

A tradição socio-construtivista, por sua vez, é mais enraizada no interacionismo simbólico e na sociologia do conhecimento, essa corrente tem como embasamento investigar a inter-relação entre a mudança da comunicação midiática e a transformação sociocultural como parte das práticas de comunicação cotidianas, e como a alteração dessas práticas está relacionada à construção da realidade comunicativa em mudança. Não levando em consideração apenas a mídia tradicional, mas, sobretudo, a chamada nova mídia da Internet e da comunicação móvel (HEPP, 2014). É nessa corrente que um dos principais teóricos da midiática no Brasil, Eliseo Verón, tem alicerçado seus estudos.

Façamos três observações globais, claramente justificadas, repetidamente, pela natureza das consequências, seguindo esses momentos da midiática. Em primeiro lugar, o crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional,

tipicamente produz efeitos radiais, em todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes intensidades todos os níveis da sociedade funcional. Em segundo lugar, o caráter radial e transversal dos efeitos produzidos pelos fenômenos midiáticos é resultado de sua natureza sistêmica(...) Em terceiro lugar, os comentários (1) e (2) explicam a consequência mais importante desses momentos cruciais de mediação: a aceleração do tempo histórico (VÉRON, 2014, p. 16).

Embora, ainda haja divergência entre as duas tradições, ambas se abriram uma à outra. Diante de tais elucidações e apontamentos iniciais, cabe um questionamento, mas, afinal, o que é a mediação? Hjarvard (2012) define como a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade. Gomes (2017) define a mediação como o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considera as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Já Verón (2014) acredita que “uma sociedade em vias de mediação é aquela onde o funcionamento das instituições, das práticas, dos conflitos, das culturas, começa a estruturar-se em relação direta com a existência das mídias”. A lógica e cultura midiática passam a orquestrar o curso da vida em sociedade, a partir de uma temporalidade, espacialidade, estética e ideologia singular.

Os usos do conceito de mediação citados acima apontam para uma série de aspectos centrais da interação entre os meios de comunicação e a sociedade, o que também faz parte da definição de mediação aqui proposta. Os usos anteriores do conceito, no entanto, carecem de uma definição articulada ou mesmo comum; além disso, existe uma série de aspectos que ainda têm que ser explicados. Em alguns casos o termo mediação foi utilizado livremente para se referir de maneira mais geral ao crescimento progressivo da influência da mídia na sociedade contemporânea. Hjarvard (2012) defende que há uma sinuosidade teórica a respeito do conceito, cada pesquisador dá o significado que lhe agrada, entretanto, as ideias se unificam no que tange a não linearidade da Mediação e que esse fenômeno sofre alterações de acordo com época.

O termo mediação foi aplicado à primeira vez ao impacto dos meios de comunicação na política (HJARVARD, 2012). Como já mencionado o autor de maneira geral define a mediação como a influência da mídia na sociedade, ou a relação da mídia com instituições específicas, como a política, porém, o conceito também pode ser utilizado como uma característica global da sociedade moderna ou pós - moderna.

Para o autor “a sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais” (HJARVARD, 2012, p. 54). Hjarvard (2014) considera que o termo *mediatização* descreve a influência da mídia sobre outras áreas. Além, de atrelar o conceito a uma teoria mais abrangente sobre a modernidade e a pós-modernidade. A *mediatização* na teoria pós-moderna é encontrada na obra de Baudrillard (1994), que defende que: “o que é *mediatizado* não é o que sai na imprensa diária, na televisão ou no rádio: é o que é reinterpretado pela forma do signo, articulado em modelos e administrado pelo código” (HJARVARD, 2012 *apud* BAUDRILLARD,1994).

Não há dúvida de que a *mediatização* tem complicado e obscurecido as distinções entre a realidade e as representações midiáticas da realidade e entre fato e ficção, mas acredito que o entendimento pós-modernista da *mediatização* é, ao mesmo tempo, muito simples e muito exagerado. Muito simples porque implica uma transformação única onde a realidade mediada suplanta a realidade experiencial e distinções tradicionais simplesmente se dissolvem. O conceito de *mediatização* proposto neste texto não adota a ideia de que a realidade mediada reina suprema ou a alegação de que as distinções ontológicas convencionais entraram em colapso. A principal característica do processo de *mediatização* como está concebido aqui é, antes, uma expansão das oportunidades para a interação em espaços virtuais e uma diferenciação do que as pessoas percebem como sendo real. (HJARVARD, 2012. p. 62)

Nessa perspectiva Hjarvard (2012) expõe que a *mediatização* está relacionada às transformações institucionais da alta modernidade, para ele a *mediatização* não é um processo universal, mas sim uma tendência que se acelerou nos últimos anos do século XX. O pesquisador brasileiro Eliseo Véron (2014) é um dos autores que discordam dessa perspectiva, para ele a *mediatização* é o resultado da capacidade humana de *semiose*, que se expressa em fenômenos midiáticos.

A *mediatização* certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de *semiose*. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade. (VÉRON, 2014, p. 14).

Porém, conforme salienta Hepp (2014) seja a tradição institucionalista seja a tradição sócio-construtivista, ambas devem enfatizar a "as inter-relações entre as mudanças midiáticas e comunicacionais, por um lado, e na cultura e na sociedade por outro" (HEPP, 2014, p 14.).

A partir das considerações feitas à cima, com o intuito de alcançar o objetivo estabelecido nesse trabalho utilizaremos a tradição sócio-construtivista da midiaticização, já que esse conceito nos permite refletir sobre essas transformações sociais e a reconfiguração do tecido social que as tecnologias digitais têm causado nos seres individuais e coletivos que compõe a sociedade. É importante demarcar também que o uso crescente de redes como a Internet resultou na criação de um novo tipo de organização social, a sociedade em rede figurando nesse trabalho outro conceito promitente, o de sociabilidade.

2.3 Sociabilidade e socialização

No final do século XIX os meios de comunicação não eram vistos como uma esfera de destaque na sociedade, segundo Hjarvard (2012), eram tecnologias específicas e fenômenos culturais separados, sendo meros instrumentos nas "mãos" de outras instituições, os meios de comunicação ainda não eram distintos e difundidos como são hoje. Ainda segundo autor, somente no século XX, a mídia passa a ser percebida como meios de comunicação em pleno direito. Agora no século XXI, com todo avanço e desenvolvimento tecnológico a mídia tradicional e, sobretudo as novas mídias com o advento da Internet, passaram a integrar o tecido social, não somente como ferramenta de comunicação, todavia, como mecanismo de orientação e organização da vida social, individual e coletiva.

Castells pontua que:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (CASTELLS, 2003b, p. 287).

McLuhan (1969) segue essa mesma linha ao afirmar em sua obra *Os meios de Comunicação como Extensão do Homem* que "o homem cria as ferramentas e as ferramentas recria o homem", ou seja, as tecnologias têm moldado o comportamento humano nesse tempo.

É importante pontuar que não é uma finalidade trazer um estudo sociológico nesse tópico, no entanto, tratar sobre o conceito de sociabilidade é vital. Seja nos estudos sociológicos ou comunicacionais é impossível pensar uma teoria sobre a sociedade moderna sem pautar a importância que a mídia e as novas tecnologias têm exercido na cultura e na sociedade, se trata de uma necessidade. Veremos nesse capítulo a definição do conceito de sociabilidade com base nos estudos de Georg Simmel (2006), a fim, de pensarmos e refletirmos de que maneira se dão as novas formas de interação do homem na modernidade, como já mencionado, a sociedade está em constante transformação e os dispositivos tecnológicos, as mídias sociais, são integrantes da vida social moderna.

A sociedade existe por conta da capacidade humana de interação, essa capacidade de interagir é chamada de sociabilidade – capacidade natural – que permitiu e ainda permite ao ser humano viver em sociedade, relacionar-se com o meio e com os demais seres sociais. Simmel (2006) enfatiza que não há sociedade em si, mas diversas formas de interação, neste sentido a sociedade é apenas a ligação de vários indivíduos. “A interação é um processo social básico, ou seja, a sociedade é constituída pelas diversas maneiras de interação” (SIMMEL, 2006, p. 61). Sendo assim, comunicar e interagir são processos essenciais para que exista a sociedade. Esse mesmo autor pontua as diferenças entre sociabilidade e socialização, que são processos comumente confundidos, porém, existem formas distintas nas suas modulações.

A sociabilidade é a capacidade natural de interação de qualquer indivíduo. A socialização é o processo de integração que faz com que o ser humano viva harmonicamente em sociedade, com costumes, cultura e modos diferentes de viver, é um processo que nos integra a determinados grupos, seja familiar ou a qualquer outro grupo. Essa integração é possível por conta dos contatos sociais que podem ser primários (ligados à emoção, família, amigos) ou secundários que são contatos ligados à razão e objetivos, tanto os contatos sociais secundários, quanto os primários, são necessários para integração social, já que esses permitem a socialização. Há muita discussão sociológica a respeito do conceito de sociabilidade, Simmel (2006) diz que a essa pode ser considerada como um exemplo de sociologia formal e pura é ainda, uma das formas específicas do processo de socialização.

A socialização é constituída pelos impulsos dos indivíduos seus motivos,

interesses e objetivos e pelas formas que esses conteúdos assumem. Em qualquer sociedade pode-se fazer distinção entre conteúdos e formas de vida social. Os conteúdos, ou seja, o material que preenche as formas sociais são os interesses que fazem alguém querer entrar em interação. (SIMMEL, 2006, p. 16).

Dada as considerações sobre esses conceitos, partiremos para o segundo Capítulo, no qual, trataremos sobre a Linguagem Audiovisual como objeto de Estudo: Black Mirror e o Controle de comportamentos. As produções audiovisuais, séries, filmes e documentários tem adquirido novas modulações nessa era digital, sendo também uma ferramenta promotora de novos comportamentos, integrando ou distanciando os indivíduos a determinados grupos. Toda via, é oportuno um questionamento, antes de avançarmos: é arbitrário pensar que os dispositivos tecnológicos tem assumido papel central na sociedade contemporânea? É o que refletiremos a seguir.

3. A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO OBJETO DE ESTUDO: A SÉRIE BLACK MIRROR E O CONTROLE DE COMPORTAMENTO

Desde o princípio que a evolução tecnológica sempre veio acompanhada de transformações, a linguagem quando vinculada a uma novidade coloca o homem numa situação de risco e fascínio. O ser humano utiliza muitos mecanismos comunicacionais para se expressar, a fala acompanhada de um idioma, no caso do Brasil, o português, é a principal delas. Contudo, a linguagem audiovisual, enquanto ferramenta de comunicação – aguça dois sentidos do ser humano a visão e a audição, esses sentidos são os mais privilegiados no mundo pós – moderno. É evidente que toda constituição do que temos de linguagem surgiu a partir de algo já existente, por meio dela é possível contar histórias, relatar acontecimentos corriqueiros. No que tange às múltiplas linguagens existentes, a linguagem audiovisual une elementos de duas naturezas, sonoros e visuais para contar histórias documentais ou ficcionais, mas, para, além disso, ela permite ao homem fazer um recorte do real e refletir essa realidade a partir de experiências estéticas impulsionadas pela apreciação de uma obra. Coutinho (2013), afirma que: A linguagem audiovisual é a que mais diretamente emerge da realidade e, portanto, dela se origina. Podemos dizer que a linguagem audiovisual expressa à realidade na sua dimensão espaço-temporal, ou seja, naquilo que a realidade é: tempo e espaço, juntos e separados. Ou seja, a própria realidade é a matéria prima para construção de um produto, ainda que, seja ficção sempre será pensada a partir de algo real.

Aprendemos muito em contato com a mídia e em seus inúmeros suportes, mas aprendemos também observando o mundo que nos cerca, a realidade. Observamos o mundo e gostamos de contar histórias sobre ele; falar, ver e ouvir sobre o mundo que nos cerca pode ser muito proveitoso, divertido e prazeroso, e mais ainda quando se trata de outros mundos mais distantes. A linguagem audiovisual tem a capacidade de nos aproximar. Penso que ainda não compreendemos muito bem esse fenômeno de aproximação, mas de alguma forma ele acontece (COUTINHO, 2013, p. 22).

A linguagem audiovisual como um conjunto de códigos compartilhados baseados no som e nas imagens em movimento, atualmente, vem ampliando-se em um processo de convergência de tecnologias, que culminam na tecnologia digital, enveredando virtuais, simulatórios, interativos, hipertextuais, buscando manter através de seus sistemas de signos a possibilidade de codificação e

consequentemente, de sistematização pelo espectador. O mundo moderno é também um mundo midiático e midiaticizado. Lembremos que a modernidade se constitui, em grande parte, de certo distanciamento da natureza e do surgimento de uma segunda natureza, transformada pela tecnologia. O ser humano é constituído como pessoa por meio do que ver e do que ouve ao longo da vida, faz parte da sua taxonomia a necessidade de ouvir e contar histórias, seja por entretenimento ou para provocar reflexões. Nesse sentido a linguagem audiovisual é um aparato que nos permite conceber essa visão de mundo e nos toca com a realidade por meio dos mais variados formatos e gêneros.

Nesse sentido, é compreensível a escolha de um produto audiovisual como objeto de estudo dessa pesquisa, as séries, os filmes, os documentários, fazem parte do cotidiano do homem moderno, e ainda se tornam aliados nas reflexões sobre a constituição da sociedade nessa nova era. É interessante pensar esse novo cenário social promovido pelas novas tecnologias a partir de uma produção audiovisual, pois através dos recursos ficcionais, como já dito, é possível se aproximar da realidade e refletir sobre ela. Diante de tais colocações, a cerca da importância da linguagem audiovisual e do aporte teórico traçado até aqui, o próximo tópico se trata da descrição do objeto de estudo desse trabalho, a série britânica, *Black Mirror*, e, por consequência os episódios que serão analisados.

3.1 A Série Black Mirror

A influência da mídia e mais tarde o processo de midiaticização da sociedade com a intensificação do uso dos dispositivos móveis de comunicação passaram a integrar o curso da vida social, promovendo mudanças em costumes, consumo e formas de entretenimento. Esse cenário digital permitiu que as séries, já presentes há décadas nas TV's ganhassem ainda mais notoriedade viralizando para públicos variados e de faixas etárias diferentes. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) inaugurou novas possibilidades na forma de produção, linguagem e recepção desse produto. A tecnologia *streaming*² implanta novas

² **Streaming** é um serviço que transmite conteúdos pela *Internet*, sem a necessidade de baixá-los, enquanto *on-demand* é a possibilidade de assistir o que quiser na hora que quiser. Assim, todo serviço *on-demand* é transmitido usando a tecnologia **streaming**.

formas de organização e interação entre os indivíduos, por exemplo, a viabilidade de maratonar ou assistir um filme sem sair de casa, nesses casos, a novidade reside nas múltiplas formas de compartilhar conhecimento e experiências, através de um *post* ou gravar um vídeo a respeito do conteúdo que tenha assistido.

Dentre a multiplicidade de serviços disponíveis na Internet, uma das plataformas que se destaca na atualidade, pela qualidade e as diferentes oportunidades de entretenimento, é a *Netflix*. Com uma variedade de séries e filmes, este serviço de *streaming* adapta-se a um novo jeito de fazer comunicação. Ela encontra-se em diversos aparelhos, por isso seu alcance torna-se tão grande. Seu conteúdo pode ser visto em TVs *smarts*, *notebooks* e *smartphones*. No que diz respeito ao seu portfólio destacam-se as séries, visto que, é sua maior produção. E é a *Netflix* que detém em seu portfólio os direitos da série britânica *Black Mirror*.

Black Mirror é uma série de ficção-científica (FC), de gênero literário e cinematográfico. Criada em 2011 pelo roteirista e produtor Charlie Brooker, foi veiculada pela televisão britânica, no canal Channel Four. No entanto, desde 2015 a *Netflix* passou a exibi-la. A série possui até o momento 22 episódios distribuídos em cinco temporadas, a última lançada em 2019. A unidade narrativa dos episódios é independente, mas converge em uma abordagem/temática comum, por explorar sentimentos ambíguos em relação às consequências do desenvolvimento científico e tecnológico, e por vezes aborda um futuro distópico, porém em maior ou menor grau, retrata da atual conjuntura social (LEMOS, 2018). A série ainda traz a tona temas centrais para o debate sobre as relações entre cultura e sociedade. Por isso, essa produção audiovisual se fomenta aqui como um produto cultural, objeto de estudo e reflexão de como se desenham as relações sociais, num momento em que a sociedade contemporânea está em parte permeada pelo uso dos dispositivos tecnológicos. (LEMOS, 2018)

Embora, alguns se surpreendam com os exageros trazidos em cada episódio de *Black Mirror* no que se referem ao uso exacerbado da tecnologia, alguns pesquisadores no Brasil, a exemplo de André Lemos, que escreveu um livro a respeito da série intitulado *Isso (não) é muito Black Mirror*, defende que a série retrata o futuro tecnológico de uma maneira ultrapassada, no passado, deixando para trás realidades digitais que a sociedade moderna já vive. Vale

ressaltar que o objetivo dessa análise não é desenvolver uma resenha qualitativa da série, mas sim considerar a partir dos aspectos abordados em cada episódio, como os dispositivos fundam novas formas de se relacionar, contemplando o entendimento que se tem do processo de midiatização da sociedade.

3.2 Sociedades Disciplinar e Sociedades de Controle

As tecnologias de vigilância e monitoramento para a segurança, cada vez mais recorrentes nas sociedades contemporâneas, conectam-se a importantes transformações sociais e a diferentes temas pesquisados nas ciências sociais. O foco sobre a presença dessas tecnologias em espaços de circulação pública abre diversas possibilidades analíticas. É nesse momento que abordaremos nesse trabalho, sob a ótica de Michael Foucault (1987) e Gilles Deleuze (1990) como se configura e/ou se reconfigura a sociedade nesse tempo. Para tanto, utilizaremos conceitos abordados por esses dois autores: sociedades disciplinar e sociedades de controle, ao passo que traremos a análise do episódio *Arkangel* para essa discussão teórica, pois como já dito, os casos abordados em cada episódio, em maior ou menor grau se assemelham com o que já vivemos diariamente.

As sociedades disciplinares podem ser situadas num período que vai do século XVIII até a Segunda Grande Guerra. As sociedades disciplinares, segundo Foucault (1987) atinge seu apogeu no início do século XX, elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola, depois a fábrica, o hospital e por fim a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. No livro *Vigiar e Punir*, após estudar o plano arquitetural panóptico, de Jeremy Bentham, Foucault (1987) inventa a concepção de panoptismo para tentar entender as problematizações ligadas a espaço, que para ele surgiram devido ao crescimento populacional no século XVIII. O panóptico é em sua estrutura física um prédio circular com torre central, que possibilita a observação contínua de todos os lados. Para o autor o efeito mais eficaz desse sistema consiste em:

Induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os

detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, p. 225, 1987).

Foucault (1987) analisa a construção do panóptico *benthaminiano* explicando que o detendo é um objeto de informação à medida que é visto, mas nunca sujeito a uma ação comunicativa. Surge então, uma das principais características do panóptico que é a vigilância. Para o autor a observação contínua serviria para disciplinar, sendo que esse modelo se aplicaria a outros segmentos da camada social, formando assim uma sociedade obediente que, o próprio Foucault (1987) intitulou como docilização dos corpos³. A respeito desse sistema o autor pontua que:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho interrompido de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada (FOUCAULT, 1987 p. 220).

A eficiência do poder disciplinar se deve “à associação íntima ao poder de vigilância, parte integrante de suas engrenagens e que se dissemina por meio de uma rede de relações ramificadas em todas as direções” (FERREIRA, 2014, p.113). Para Michel Foucault (1987), a disciplina como poder é exercida segundo um princípio de redução dos custos. Redução tanto do ponto de vista econômico - ao demandar pouca despesa – quanto do ponto de vista político – ao gerar, segundo o pensador, pouca resistência, dadas as sutilezas que bem caracterizam o funcionamento do poder disciplinar, a exemplo das normas, dos horários e da rotina de atividades a que são submetidos os indivíduos no ambiente dos quartéis, das escolas, dos hospitais, das fábricas e em outros espaços de confinamento de corpos.

O modelo do panoptismo – diferente da sociedade de soberania, que trancava e privava de luz – esse “novo” modelo visa trancar, dar luz e visibilidade, sendo que, como afirma Foucault “a visibilidade é uma armadilha” (FOUCAULT, 1987, p. 223). Observa-se que o panoptismo, não é somente uma estrutura física, mas uma tecnologia de poder que induz a constante sensação de vigilância.

³ A Docilização do Corpo é uma espécie de "adestramento", pois os indivíduos são obrigados a seguir alguns padrões nos quais às vezes é uma espécie de parede invisível, e por ser invisível se torna comum.

Gilles Deleuze (1990), por sua vez, introduz a ideia de sociedade de controle, cuja emergência se dá com as transformações do capitalismo após a II Guerra Mundial e com o desenvolvimento tecnológico que daí decorre e se acelera, modificando também as formas de produzir (inclusive a si mesmo) e de viver.

Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabem invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas (DELEUZE, 1990, p. 1).

Para Deleuze (1990), na sociedade disciplinar não se parava de recomeçar, enquanto na sociedade de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço, sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal. Se na sociedade disciplinar o indivíduo estaria “preso” a um sistema de vigilância e observação, na sociedade de controle o poder é exercido de maneira compartilhada, tal como destaca, Gilles Deleuze (1990), diferente do que se tinha na sociedade disciplinar, esse adestramento se autonomiza, e corre muito ao largo da rotina no espaço das escolas, das prisões, das fábricas, dos hospitais ou dos quartéis. Na sociedade contemporânea, cada vez mais a responsabilidade da disciplina é deslocada das instituições, descentrando-se daqueles que detinham o poder para incuti-la no indivíduo, a exemplo da figura do pai, do chefe, do professor ou do militar de alta patente. Progressivamente ela vem sendo transferida para o próprio indivíduo, marcando a passagem para o autodisciplinamento, ou, para usar um termo mais sutil, para o auto aprendizado (DELEUZE, 1990). Na sociedade de controle, como afirma o autor:

O poder hoje seria cada vez mais inlocalizável, porque disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal. É verdade que a verticalidade sempre esteve associada à imagem de alguém: é o ícone que preenche o lugar do poder.

Mas numa sociedade inteiramente axiomatizada, as instâncias de poder estão dissolvidas por entre os indivíduos, o poder não tem mais uma cara. Sua ação agora não se restringe apenas à contenção das massas, à construção de muros dividindo cidades, à retenção financeira para conter o consumo (DELEUZE, 1990, p. 6).

Neste sentido, o aperfeiçoamento dos mecanismos de controle sobre os indivíduos não pode funcionar sem que estes estejam submetidos a alguma disciplina e à vigilância sistemática de suas atividades no dia a dia. Até mesmo os modernos dispositivos de comunicação exigem um nível mínimo de adestramento, a fim de que sejam operados com alguma habilidade.

Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o surf já substituiu os antigos esportes (DELEUZE, 1990, p. 2).

Podemos pensar que a sociedade está numa acelerada transformação e que esses sistemas de domínio estão imbricados um ao outro, haja vista que, os mecanismos de funcionamento da disciplina e do controle estão a operar simultaneamente na vida dos indivíduos que utilizam as tecnologias digitais. Tanto o modelo de regime disciplinar, quanto o de controle estão a operacionalizar o rumo das relações na sociedade pós-moderna. Ou seja, Internet e os aparelhos modernos de comunicação tendem a funcionar como dispositivos de vigilância e controle. Os conceitos abordados nesse capítulo dialogam com as características do episódio que será analisado. Veremos a seguir como se dão as formas de vigilância e controle em *Arkangel*, bem como, na sociedade.

3.3 “O olho que tudo ver”: A vigilância no episódio *Arkangel*

Antes de tudo, é preciso considerar que uma cultura de vigilância tem se instaurado nos nossos dias. Esse fator é determinado pelo uso recorrente dos dispositivos móveis, já não é mais um vigilância apenas de observar e punir, como nos tempos de outrora, mas, sobretudo, consentida pelos usuários, conforme postula Lyon (2018), “está emergindo uma cultura da vigilância sem precedentes. Sua característica-chave é que as pessoas participam ativamente em uma tentativa de regular sua própria vigilância e a vigilância sobre outros” (p. 151). Essa já pode ser considerada como uma nova forma de ser e estar no mundo, uma consequência dessa sociedade em vias de midiatização:

O que antes era um aspecto institucional da modernidade ou um modo tecnologicamente aperfeiçoado de disciplina ou controle social hoje está internalizado e constitui parte de reflexões diárias sobre como são as coisas e do repertório de práticas cotidianas (LYON, 2018 p. 153).

É um tanto assustador pensarmos que vivemos e estamos sendo observados o tempo inteiro, essa é uma das inquietações trazidas no contexto da série. *Arkangel* é o segundo episódio da quarta temporada de *Black Mirror* que tem como temas centrais memória, controle social e vigilância. Dirigido por Jodie Foster e roteirizado por Charlie Brooker. O episódio narra a sensível relação entre Marie e Sara mãe e filha respectivamente. A personagem Sara, quando criança se perdeu num parquinho e após esse incidente sua mãe decide adotar um sistema de monitoramento – o *Arkangel* - ainda em teste no país. Através do implante de um chip a mãe tem acesso por meio de um *tablet* a todas as informações relacionadas a Sara. Ela ainda tem a possibilidade de intervir e filtrar cenas que sejam consideradas violentas, pornográficas ou traumáticas. Essa é a gênese que vai gerar uma série de acontecimentos fazendo com que a mãe se torne obsessiva na sua superproteção. Elementos como vigilância visual, dispositivos implantados e controle por tecnologia móvel, todos sob o registro da vigilância panóptica são ingredientes que tornam esse episódio promissor para esse trabalho.

Essa análise parte do seguinte pressuposto, para Foucault (1987), o poder se exerce por meio de relações entre pessoas, que são sempre desiguais e móveis. O poder é uma estratégia para alcançar um objetivo, não um objeto que pode pertencer a alguém, muito menos um lugar a ser ocupado e cobiçado. O que existe

são relações de poder e não este em si mesmo. Além disso, “o poder está em toda parte e sempre alerta, pois, em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar”. (FOUCAULT, 1987, p. 158). Tal colocação, nos leva a refletir que no contexto da série havia acordos sociais na relação entre mãe e filha, Sara até certo momento permitiu-se ser vigiada por Marie por uma convenção social já estabelecida que, os filhos devam obediência aos pais e os pais possuem poder sobre os filhos, essa relação de poder, de vigilância, também é estendida a outros espaços, como a escola, por exemplo, mas, isso não quer dizer que funcione. A tecnologia *Arkangel* funciona como condicionante técnico nessa relação, de um lado se tem a mãe que vigia cada passo da filha e do outro uma garota que quer independência. Quando Sara percebe não ser como as outras garotas da sua idade e identifica que isso acontece pela interferência do sistema, esse acordo social que havia entre mãe e filha é desfeito, condicionando um atrito na relação das personagens.

Os aspectos abordados nesse episódio são tratados de forma restrita, direcionado apenas sob a relação entre mãe e filha, porém como em outros episódios da série suscitam questões de toda à sociedade. *Arkangel* se trata de um suporte para pensarmos as reformulações das formas de vigilância e do controle social que estamos expostos nessa era tecnológica.

Marie ao vigiar Sara possuía informações e assim poderia antecipar ações que para ela seriam prejudiciais à filha, ou até mesmo, conduzir o comportamento da garota em situações futuras. A vigilância e o controle social na modernidade seguem a mesma lógica. Já que as inserções dos novos dispositivos de comunicação podem conduzir a mudanças estabelecendo uma nova realidade digital, de algoritmos, bancos de dados, rastro digitais, reformulando as formas de vigilância e controle:

Em primeiro lugar, trata-se de uma vigilância que não mais isola e imobiliza indivíduos em espaços de confinamento, mas que se aproxima ou mesmo se confunde com o fluxo cotidiano de trocas informacionais e comunicacionais. Uma vigilância que se exerce menos com o olhar do que com sistemas de coleta, registro e classificação da informação; menos sobre corpos do que sobre dados e rastros deixados no ciberespaço; menos com o fim de corrigir e reformar do que com o fim de projetar tendências, preferências, interesses (BRUNO, 2006, p. 154).

Na atualidade, para estarmos inseridos, ou ainda, aceitos na rede, alguns requisitos são essenciais, tais como, um código, uma senha, o aceite de termos de uso para adquirir contas, ter acesso aos *apps*, figurando um processo contínuo de

disseminação de informações no ciberespaço. Diante desse contexto, surge à questão das materialidades digitais, dos algorítmicos, dos sistemas *profiling*, da procedimentalidade de dados deixados por todos nós diariamente na rede. Lemos (2018) pontua que esse é um fator preocupante, tendo em vista que se intensifica à medida que fazemos uso das novas tecnologias.

(...) O que devemos nos preocupar não é se estamos vendo ou não o que as pessoas estão fazendo, pois se pode ter acesso através de comentários, fotos, deslocamentos, interações. Esses dados, catalogados, assimilados e processados por sistemas inteligentes podem fazer previsões e um controle social muito mais efetivo (LEMOS, 2018, p. 127).

No livro *Isso (não) é muito Black Mirror*, o autor cita um depoimento de um profissional em relações públicas, que diz que: “faz tudo na rede, mas não mostra o rosto para proteger sua privacidade”, o autor defende que a vigilância não se dá somente nesse nível visual do corpo, mas também:

Sistemas de captação de dados em redes sociais, sistemas público, Internet das coisas, bancos, empresas, tem sistemas mais sofisticados, correlacionais, proativos. Se ele quisesse fugir da vigilância para garantir sua privacidade seria mais fácil adotar uma ação oposta: mostrar o rosto e sair de todos os sistemas e redes sociais. Um rosto sem dados é um rosto sem face, mas dados sem rosto são um rosto projetado. Os dados que ele deixa não precisam do seu rosto e, provavelmente, vão gerar o seu rosto de uma forma muito mais precisa (LEMOS, 2018, p. 126).

Firmino (2018) aponta que:

Desde o momento em que aprendemos a codificar coisas pela combinação de números, as tecnologias digitais parecem ter influenciado dramaticamente a maneira como interagimos entre nós mesmos, com o meio que nos envolve (inclusive o meio construído) e com as próprias tecnologias (especialmente com o recente surgimento da chamada “internet das coisas”, em que objetos podem trocar informações e dados entre si para executar tarefas e ações predefinidas, mediações algorítmicas etc.). Somos transformados em representações de uma possibilidade de ser, em números, códigos e dados em sistemas interconectados (2019, p. 70).

Para Marie era importante está observando a filha o tempo inteiro, talvez pela superproteção ou pelo privilégio da vigilância lhe conceder informações que a própria Sara desconhecia, por exemplo, se a filha estivesse exposta há algum perigo, ou ingerisse alguma substância que alterasse batimentos cardíacos e fluxo sanguíneo, o sistema imediatamente lhe alertaria. O acesso há algumas informações levaram à mãe a tomar atitudes drásticas e invasoras no episódio, como colocar pílula do dia seguinte na vitamina da filha ao cogitar que ela poderia

está grávida. Bauman (2007) explica isso e diz que: “a vigilância pode anular [...] escrúpulos morais ao manifestar suas aplicações de proteção”. Mas, isso tem um preço – de maneira alguma moralmente inocente ” (BAUMAN, 2007 p. 95).

Na vigilância digital o “ver” não é o elemento mais importante, mas um dos elementos. A vigilância concede informações que uma vez atrelado à catalogação de dados e perfis conduz o indivíduo a um campo de notações e descrições que vão figurar numa distribuição de conteúdos específicos e direcionados a um grupo de pessoas. “Na vigilância digital uma informação ou ação na rede corresponde a fragmentos da nossa existência” (BRUNO, 2006, p. 154). Conscientes ou não, os rastros deixados pelos usuários na rede condicionam o tipo de conteúdo que serão oferecidos, os serviços, produtos, anúncios, tudo calculado antecipadamente com base nos perfis traçados pelos bancos de dados. É importante considerar que esse tipo de controle social não individualiza o sujeito, como na série, com traços pessoais, essa não é a preocupação:

Mas usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre outros indivíduos, que permanecem desconhecidos até se transformarem em perfis que despertem algum tipo de interesse médico, comercial, legal, financeiro, governamental etc. Esse saber é, ao mesmo tempo, controle, pois antecipa o que cada um é, o que pode fazer e o que pode “escolher” (BRUNO, 2006, p. 157).

A lógica do banco de dados e os perfis computacionais traçados a partir dos rastros deixados na rede é um dispositivo de vigilância e por consequência disciplinar, Bruno (2006) nos diz que:

Ao voltarmos à atenção para os dispositivos de vigilância contemporâneos, particularmente para a vigilância digital, vemos uma enorme ampliação das capacidades de coleta, registro e processamento de informações sobre indivíduos (...). As mesmas tecnologias que ampliam as possibilidades de emissão, acesso e distribuição da informação tornam-se instrumentos de vigilância e controle; as mesmas tecnologias que possibilitaram o anonimato nas trocas sociais e comunicacionais mostram-se eficientes instrumentos de identificação. A vigilância se confunde hoje com a própria paisagem do ciberespaço (BRUNO, 2006, p. 155).

Entende-se nesse sentido que a importância não está no sujeito em si, mas nas informações deixadas por este, seu valor econômico, preferências e inclinações para o consumo. Geralmente, quando realizamos uma pesquisa sobre um determinado assunto o navegador completa a busca com perspicácia oferecendo possíveis soluções, ou produtos, também em outras telas, *sites* e aplicativos, através dos anúncios e outras estratégias. “Ou seja, não basta ver e documentar, é preciso

classificar e produzir conhecimento, de modo a aumentar o poder social da informação coletada” (BRUNO, 2006, p. 157).

Essas informações quando unificadas a banco de dados e perfis computacionais exercem influências sobre as nossas decisões e escolhas, quando adquirimos um produto que não estava nos planos ser comprado. Essa nova realidade vai além de condicionar o consumo ou adesão de serviços, mas para, além disso, segue uma lógica que direciona toda estrutura social, interferindo na construção subjetiva do sujeito:

As identidades projetadas em bancos de dados na forma de perfis computacionais são espécies de duplos digitais ou simulações de identidades cuja efetividade não depende de vínculos profundos com os indivíduos a que correspondem, nem de um espelhamento fiel de uma personalidade ou caráter subjacente. Ou seja, elas não são identidades “dadas”, mas se *tornam* “reais” ou “efetivas” na sua função antecipatória mesma, quando os indivíduos se identificam ou se reconhecem de algum modo no perfil antecipado, acionando desde então algum tipo de comportamento, cuidado ou escolha (BRUNO, 2006, p. 156).

Nesse cenário as forças se organizam através de informações, volume de dados, que, Estado, mercado e sociedade civil mobilizam-se em torno de seus interesses, mesmo que isso implique na perda da privacidade dos indivíduos. Sendo assim, as nuances abordadas nesse capítulo, a partir da análise do episódio *Arkangel* nos impulsiona a aprofundar essa discussão, haja vista que, as tecnologias de comunicação e informação, migraram do seu propósito inicial, não sendo apenas aparatos para comunicar-se, hoje, estas integram o curso da vida moderna. Portanto, partiremos para o próximo capítulo desse trabalho, a fim de pensarmos como as tecnologias digitais tentem a interferir na construção da nossa subjetividade, e nas relações sociais, instaurando novas formas de sociabilidade na contemporaneidade.

4. CULTURA DIGITAL, ATORES SOCIAIS E INTERAÇÕES

No presente século, o modo de se comunicar tem se moldado à medida que o uso dos novos dispositivos tem se intensificado. Contudo, que mudanças tão significativas seriam essas? Seria pretencioso responder a essa questão de forma concreta - tendo em vista que essas tecnologias adquirem novas roupagens e se transformam constantemente - que não se pode mais definir o que é “atual”. Desse modo, nesse capítulo utilizaremos o quadro teórico traçado por Thompson (2018), no qual, desenvolveu uma teoria interacional dos meios de comunicação, para assim, refletirmos a respeito das novas formas de sociabilidade.

Antes de abordarmos esses tipos de interações começemos com a definição do termo Cibercultura e como se constitui os atores sociais na rede. Compreender esses fenômenos é importante, pois, marca a transição de uma época para outra e o modo que nos comunicamos, haja vista que, é no ciberespaço que as novas relações sociais tem se estabelecido.

André Lemos (2010) situa o nascimento da cibercultura na metade dos anos 70, no surgimento da microinformática e nas transformações socioculturais causados pelo advento da tecnologia do computador (LEMOS, 2010, p. 101).

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, tempo real, simulação, processos de virtualizações) vai criar uma nova relação entre técnica e a vida social chamamos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob o nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço (...). A tese de fundo é que a cibercultura resulta da convergência entre socialidade contemporânea e a novas tecnologias de base microeletrônica (LEMOS 2010, pp. 15-16).

Nesse sentido a cibercultura caracteriza-se por uma apropriação criativa das novas tecnologias, sendo por sua vez, “um novo estilo da cultura tecnológica na contemporaneidade” (LEMOS, 2010, p. 260). Com a introdução dos dispositivos de tecnologia móvel, nas últimas décadas, surge o que muitos autores denominam de cultura digital, considerando que a relação entre cultura e sociedade, é intrínseca, e estão imbricada uma a outra, esse progresso das novas tecnologias traz reverberações para essa esfera da sociedade, interferindo e recriando um novo modo de ser agir. Através de diversas maneiras e em diferentes espaços as tecnologias digitais estão permeadas na vida cotidiana, em casa, no trabalho, no

trânsito, não é preciso um protocolo para utilizar nossos pequenos aparelhos que cabem à mão e podem ser carregados para todo lugar, passamos horas e horas utilizando os *apps*, navegando na Internet, estamos online o tempo inteiro, à medida que estamos numa ligação, uma pesquisa é feita, uma mensagem é enviada, postamos uma *self*, acompanhamos o noticiário, pela Tv ou pelos sites de notícia, simultaneamente e de forma natural, a vida é digital, somos seres midiáticos.

Para Recuero (2009), as tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. Para a autora a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador e agora pelos dispositivos portáteis, é um dos principais marcos na história da humanidade, para ela:

Essas ferramentas proporcionaram que atores pudessem construir – se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (RECUERO, 2009, p. 24).

As relações na rede são compostas por elementos específicos, tais elementos, servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. (RECUERO, 2009). A autora define os atores sociais como o primeiro elemento da rede e pontua que:

Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Quando se trabalha com redes sociais na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. (ibid, p. 25)

Para Lemos (2010) “a realidade social é formada por adesões sucessivas, por cruzamentos múltiplos, constituindo a rede de redes como uma estrutura complexa, uma rede não só de máquinas, mas também de pessoas” (p. 142). Nesse sentido o ciberespaço é um lugar de construção da identidade individual e coletiva. É preciso construir um novo “eu” nesse espaço, se tornando uma linha tênue entre o virtual e o real. Esses espaços são apropriados para expressão e de construção de impressões. Recuero (2009), baseada nos estudos de Donath (2000), aponta que “grande parte do processo de sociabilidade está baseada nas impressões que os

atores sociais percebem e constroem quando iniciam sua interação, e que a ação de um depende da reação do outro” (p. 26).

Ainda no que se refere aos elementos que compõe a interação na rede Raquel Recuero (2009) considera os vínculos entre laço social, relações sociais e interação social: “um laço é uma conexão entre dois atores, que é composta de relações sociais” (p. 30). Estas, por sua vez, são compostas por interações sociais. A interação é a matéria prima das relações e dos laços sociais. A autora considera que a constituição do laço social pode não depender apenas da interação. Assim, para ela, os laços associativos são como uma conexão formal que independe de um ato de vontade do individuo.

Sendo assim para pensar a interação requer se preocupar na relação dos atores sociais. A mediação da interação pela Internet é capaz de gerar fluxos que impactam as estruturas da sociedade. Para Recuero (2009),

Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos. Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali (RECUERO, 2009, p. 30).

Outro elemento importante presente nas relações estabelecidas na rede é o capital social, esse conceito refere-se a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais. Para Putnam citado por Recuero (2009) o capital social:

Envolve três elementos centrais para o capital social: a obrigação moral e as normas, a confiança (valores sociais) e as redes sociais. A confiança vem da crença na reciprocidade, do consenso, do senso cívico. Decorre de escolhas no nível interpessoal, nas interações, que geram, aos poucos, reciprocidade e confiança. Essas escolhas refletem-se no nível macroscópico e geram as mesmas benesses para a coletividade, criando valores de integração e apoio (RECUERO, 2009, p. 44).

Já para Bourdieu (2001) o capital social é relacionado a determinado grupo:

O capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais, os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo (...) (p. 248-249).

Nesse sentido para Bourdieu (2001) o conceito de capital social teria, assim, dois componentes: um recurso que é conectado ao pertencimento a um determinado

grupo; às relações que um determinado ator é capaz de manter; e o conhecimento e reconhecimento mútuo dos participantes de um grupo. Esse conhecimento “transformaria o capital social em capital simbólico, capaz de objetivar as diferenças entre as classes e adquirir um significado” (BORDIEU, 2001, p.10-12). Além de atributo individual, o capital social é visto como componente da ação coletiva, ativando as redes sociais. “Ele representa um conjunto de elementos com os quais uma classe social garante sua reprodução, incluindo o capital econômico, o capital cultural – *status* social – e o capital simbólico – relacionado ao prestígio de quem o detém” (MATOS, 2009, p. 35).

A noção de capital social não é nova, embora a produção científica recente inove ao articular experiências voltadas para o sujeito contemporâneo. A novidade está no fato de articulação entre capital social, sociabilidade, as normas e os valores, de modo a construir um fenômeno explicativo de muitos fenômenos comunicativos, sociais e políticos, o que é bastante interessante para esse trabalho.

A ideia básica desenvolvida por Thompson (2018) na teoria interacional da mídia sugere que para entender os meios de comunicação e o seu impacto, devemos analisar os tipos de ação e interação que eles tornam possíveis. (THOMPSON, 2018). A distinção desenvolvida pelo autor nos remete a ideia de como nos comunicávamos em cada época da história. O primeiro tipo definido em *A Mídia e a Modernidade* é a interação face a face, para o autor:

Possui três características específicas: 1) ocorre em um contexto de co-presença, num cenário espaço-temporal comum; 2) é de caráter dialógico, no sentido de que envolve, pelo menos potencialmente, um fluxo bidirecional de informação e comunicação; e 3) mobiliza uma multiplicidade de sinais simbólicos – gestos e expressões faciais, bem como palavras, cheiros e toques (pelo menos potencialmente) e outros sons e sinalizações visuais (THOMPSON, 2018, p. 19).

A segunda é a interação mediada que envolve um meio técnico de comunicação, uma ligação por telefone, por exemplo. O terceiro tipo é a quase interação mediada, criada pela comunicação de massa, rádio, jornal e TV (THOMPSON, 2018). O quarto tipo – essa a que mais nos interessa – é a interação online ou mediada por computador. Thompson (2018) defende que:

Quando digo que é comunicação mediada por computador, não quero dizer que ela esteja restrita a computadores de mesa ou laptops – não é o dispositivo que importa aqui, e sim a forma de interação criada pela comunicação mediada por computador. Pode ocorrer em smartphone, tablet ou outro dispositivo móvel – o smartphone também é um computador e, de

certa forma, até mais importante para entender as novas formas de interação criadas pela comunicação mediada por computador e sua cada vez mais difusa presença na vida cotidiana (p. 20).

O quadro teórico desenvolvido por Thompson (2018) é pertinente para pensarmos como se desenha a comunicação na sociedade da informação, já que esses tipos de interações vão interferir diretamente no modo como nos relacionamos com o mundo e com outro e por consequência instauram novas formas de sociabilidade ou recriam as que já estão estabelecidas. Para o estudioso

“diferentemente da quase-interação mediada, que é de caráter dialógico; e, ao contrário da interação mediada (por exemplo, conversas telefônicas), é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários – é de muitos para muitos, e não de um para um” (THOMPSON, 2018, p. 21).

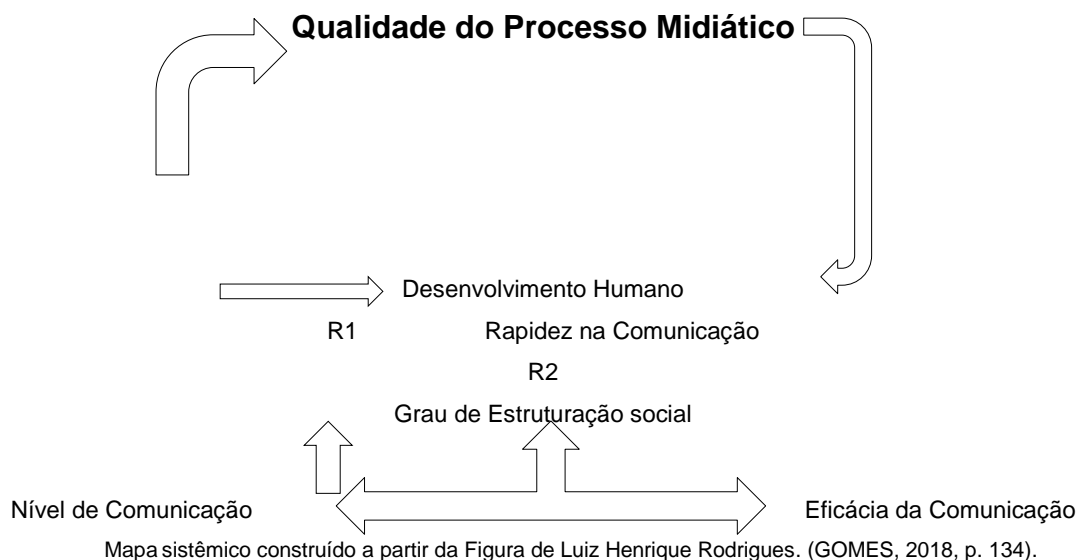
Esse novo modo de interação permite que os usuários não apenas recebam informação, mas que também participem de maneira efetiva na produção de conteúdo. Hoje, é possível produzir informação, sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, de maneira que os demais possam comentar, curtir e compartilhar.

Os sites de redes sociais (SRS) são o cenário perfeito para esse tipo de interação mediada: no Facebook, no Twitter, no YouTube e em outras plataformas de mídia social, os indivíduos criam ou mantêm relações sociais com outras pessoas distantes, algumas das quais conhecem em contextos de interação face a face, mas muitas delas apenas por intermédio do site de mídia social. Uma característica específica desses sites é que permitem aos usuários tornarem visíveis não apenas seus perfis, mas também suas redes sociais, de modo a possibilitar que os indivíduos façam conexões que não poderiam ser feitas de outra forma, com uma multiplicidade de outras pessoas (THOMPSON, 2018, p. 23).

O pensamento do estudioso McLuhan diz que toda tecnologia cria um ambiente humano totalmente novo, reforça tal fato. O meio, ou a tecnologia, por si só e por sua gramática de funcionamento insere nas relações humanas modos específicos de comportamento “porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1974, p.23) e isso é a sua mensagem, “a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas” (MCLUHAN, 1974, p.22), independente do conteúdo que difunda e do uso pretendido. Por isso, o autor considera que “meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1974, p.10). Na sociedade pós – moderna o indivíduo passa a ter acesso às novas tecnologias de modo cada vez mais precoce, são os dispositivos que regem o curso da vida social. Hoje, por exemplo, não é mais

necessário ir até a fila de banco para retirar uma senha, é possível fazer isso direto do seu *smartphone*, esse é um caso corriqueiro, simples, mas que demonstra o quanto os dispositivos, os *apps* e a tecnologia estão presentes na vida moderna.

Essas modificações sociais advindas do uso intenso das novas tecnologias e dispositivos tecnológicos que estão cada vez mais sofisticados podem ser percebidas, principalmente, no modo que temos acesso à informação e conteúdos, não é necessário esperar que uma determinada matéria saia no jornal do outro dia, temos acesso as notícias quase simultâneo ao seu acontecimento, e esse é um fato que ambienta um novo modo de ser no mundo. Veja a baixo um mapa sistêmico da comunicação:



O pesquisador brasileiro Pedro Gilberto Gomes (2017), em seu livro *Dos Meios à Mídiação*, salienta que o aumento do nível da comunicação resulta em uma maior estruturação da sociedade e, dessa forma, incrementa o desenvolvimento humano assim como a qualidade do processo midiático. São as relações R1 e R2 que expressam o processo de circulação, cuja complexidade vai dando origem a uma sociedade em vias de mídiação. Com o advento da tecnologia essa interrelações se tornaram complexas e se ampliaram criando uma nova ambiência, desse modo, “a realidade da sociedade midiática supera e engloba as dinâmicas particulares que esta engendra para se comunicar” (GOMES, 2017, p. 134).

A partir desse encabeçamento sobre essas novas formas de sociabilidade e com base em todos os conceitos abordados até aqui, seguiremos para uma discussão complexa, repleta de ambiguidades e dobras. O enfoque do próximo tópico recai sobre a reconfiguração do sujeito com o seu entorno, tendo em vista que, somos seres sociais, mas também individuais e somos influenciados, transformados e condicionados a uma nova ordem de pensamento. Desse modo somos convidados a pensar como a tecnologia interfere na construção da nossa subjetividade, suscitando novos tipos de interações e sociabilidade? Ponderaremos essas questões a partir do episódio *Nosedive* – Queda Livre – pois, situações vividas pela personagem nos toca com pontos da realidade.

4.1 A Mídiação das Relações Sociais em Tempos Digitais: Estamos em Queda Livre?

A nova ambiência que tem se instituído, baseia-se na ploriferação dos dispositivos móveis de comunicação, que abrem um leque de possibilidades, experimentações e produção de significado, sobre si e sobre o mundo, de ser visto e de se ver. Por muito tempo o subjetivo era considerado algo sacralizado, a subjetividade do indivíduo era um campo que já mais poderia ser invadido, conhecido. Essas questões emergem com eferverscência nessa era digital, pois o processo de mídiação da sociedade atrelado à cultura digital possibilita aos usuários adotarem múltiplas identidades no ciberespaço.

Santaella (2010) considera que as identidades sempre são múltiplas e que não pode ser consistentemente una, nesse sentido de acordo com autora a noção de sujeito e subjetividade herdada do cartesianismo tem entrado em crise. (SANTAELLA, 2010).

Desde o século passado essa ideia de sujeito passou a perder seu poder de influência para ser sumariamente questionado há duas ou três décadas, quando, nas mais diversas áreas das humanidades e das ciências, alardeia-se que estamos assistindo a morte do sujeito. Sob a rubrica crises do “eu” ou crise da subjetividade, critica-se e rejeita-se a definição de um sujeito universal, estável, totalizado e totalizante (...) (SANTAELLA, 2010, p. 46).

Essa noção de sujeito e subjetividade foi sendo desfeita por mudanças culturais que aconteceram na segunda metade do século XIX, e intensificada com o

desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, e posteriormente com o advento da Internet e a inserção dos dispositivos/modernos móveis de comunicação.

Essas redes produzem a reconfiguração da linguagem, constituindo sujeitos culturais fora do padrão do indivíduo racional e autônomo que deu sustento a noção de sujeito na era da cultura impressa. Essa noção de sujeito se viu atropelada na era na era digital por um sujeito multiplicado, disseminado, descentrado, continuamente interpelado com uma identidade estável. (SANTAELLA, 2010, p. 50 *apud* POSTER, 1995, pp.57-60).

Desse modo, a tecnologia continua a promover mudanças na cultura, na sociedade e no modo como o sujeito era pensado, se tornando um indivíduo instável, num modo processual e contínuo de transformação. A emergência dessa cultura digital “reconfigura a imagem do sujeito parado, fixo no tempo e no espaço” (SANTAELLA, 2010, p, 52). Estamos numa era de uma comunicação de co-presença física (THOMPSON, 2018), somos sujeitos multimídias, que estamos em um determinado ambiente físico, mas emocionalmente em outro espaço – virtual ou não – ao passo que conversamos e assistimos TV, tudo simultaneamente, o que talvez comprometa a qualidade do processo de sociabilidade, mas não deixa de ser um novo condicionamento das relações sociais.

As várias versões de “*eus*” que emergem nessa nova era estão pautadas no fenômeno da exteriorização da vida privada nas redes. A essa manifestação, Sibilia (2008) intitula como “*vidas ou obras?*”. Esse novo modo de ser no mundo, desperta algumas inquietações, pois, os usuários falam de si, narram suas vidas privadas, a medida que também são os próprios “atores”. “Estamos todos encenando ou transformando a vida numa obra de arte?” (SIBILIA, 2008, p. 35).

A fim de entender essa ruptura social trataremos para essa discussão os aspectos abordados no episódio *Nosedive*, de *Black Mirror*. Este é o primeiro episódio da terceira temporada, tem a direção assinada por Joe Wright e o roteiro de Charlie Brooker. A unidade narrativa gira em torno de um aplicativo localizado em um *smartphone* que parece ser uma espécie de rede social, no qual os usuários se relacionam e podem se avaliar. O dispositivo não apenas estabelece interações, mas também condiciona o tipo de ação dos usuários em relação aos outros e às instituições. O mecanismo de avaliação disponível no aplicativo gera modos de se relacionar superficiais e controlados, pois o *status* social que o indivíduo ocupará depende da pontuação que outras pessoas lhe atribuem. Uma avaliação negativa no

aplicativo pode resultar em transtornos reais na construção da imagem do indivíduo, que pode ser visto pelos demais membros como alguém rejeitável e a margem da sociedade, ao passo que uma boa pontuação garante privilégios diversos e um lugar de destaque para o indivíduo. Todos os aspectos da vida são mediados por esse dispositivo, ou seja, a midiáticação das relações humanas.

Em *Nosedive*, todas as conversas e demais interações pessoais, tradicionalmente inseridas em uma economia invisível de trocas simbólicas, ganham materialidade em um sistema de avaliações instantâneas por celular, que são computadas para gerar notas para cada indivíduo. Como mencionado, as notas afetam não apenas as relações sociais, mas também as possibilidades de acesso a trabalho e a serviços básicos (BEZERRA, 2011, p. 6).

A vida da personagem Lacie Pound gira em torno desse cenário. Obcecada por melhorar sua pontuação para ser aceita e poder ter acesso exclusivo a benefícios, como por exemplo, comprar uma casa. A garota sempre é gentil, delicada e aparenta estar de bem com todos a sua volta. Sendo que esses aspectos da sua personalidade são escapatórias para melhorar sua pontuação. O interesse em conseguir uma nota maior é enfatizado através das ações da personagem. Levando-a a desenvolver um comportamento “perfeito” para conseguir tal feito, a vida de Pound é uma encenação. A personagem além de abrir mão da própria existência acaba repercutindo no mundo a sua volta. Sibilía (2008) considera que “onde convergem todos os relatos de si, também é inegável que se trata de um tipo muito especial de ficção” (p. 31).

Entretanto, como em todos os episódios da série a interferência da tecnologia na vida social traria danos. A derrocada da personagem começa com a tentativa de comprar um apartamento e para poder financiá-lo precisaria de 4,5 como nota, nesse momento o *app* marca 4,2. Daí por diante Lacie começa a corrida para obtenção da nota, se tornando a pessoa mais “agradável” em todos os ambientes. O convite de uma amiga de infância de Pound para ser madrinha do seu casamento viria a calhar. Porém, uma discussão com o irmão, uma briga no aeroporto e Lacie demonstra seu lado mais humano, expressando comportamentos contrários ao que estava estabelecido pelo regimento daquela sociedade, sendo punida pelo Estado e perdendo significadamente sua pontuação e por consequência disso, seu valor social e de capital.

Essa junção de fatores conduz a personagem a uma queda livre, haja vista que o valor do indivíduo no contexto da série é medido pela sua nota, todos ao olhar para você – retomando a ideia da vigilância – podem ter acesso ao seu histórico e reputação. Os exageros apontados nesse episódio em um dado momento causam incômodos e faz parecer que nunca chegaremos a uma sociedade assim. Porém, o dispositivo tecnológico apresentado na trama enceta novas organizações, cria dinâmicas sociais específicas e estabelece novas regras de relacionamento, de consumo, de sociabilidade e até de repressão. O que não se distancia muito do estamos vivendo hoje. Uma reformulação das relações sociais por conta das novas tecnologias. Um fato que comumente acontece, é que para aquisição de um bem ou produto na Internet, julgamos a confiabilidade ou a qualidade pela avaliação (nota) que se encontra disponível. Nas plataformas digitais os *apps* mais bem avaliados são os que acabam sendo adicionados a lista de prediletos e mais confiáveis, quando um produto ou serviço encontra-se com “estrelas” ou ainda a pontuação abaixo no considerado como adequado, automaticamente é descartado. Percebe-se fatores da realidade no contexto da ficção e vice – versa.

Lemos (2018) ao analisar o episódio chama atenção para um novo sistema que será adotado na China, o Social Credit System, “que consiste em dar pontos às pessoas de acordo com suas ações em diversos setores da sociedade” (LEMOS, 2010, p. 85). Assim como em “Queda Livre” o sistema chinês dará acesso a serviços e prioridades. Nota-se aqui, discussões já abordadas nesse trabalho, à dialética agora não é apenas vigiar e punir (FOUCAULT, 1987), mas na lógica apresentado por Deleuze (1990), da sociedade de controle, “condicionando os indivíduos a performances em diversas situações e ampliando as formas de monitoramento” (LEMOS, 2018, p. 86). Tudo isso “é muito *Black Mirror*”, em maior ou menor grau se assemelha com situações da sociedade pós-moderna.

Outra questão que nos toca através da vida da personagem Lacie é sobre a ideia de performance, na série *Pound* tira uma *self* do seu café da manhã, posta no *app* com a legenda de que está “maravilhoso”, logo em seguida ela recebe diversas reações positivas do seu ciclo de amizade digital. Toda vida, na “realidade” ela nem experimenta o café. A respeito disso Sibilía (2008) pondera:

Aproveitando vantagens como a possibilidade do anonimato e a facilidade de recursos que oferecem as novas modalidades de mídia interativas, os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada. Seus testemunhos seriam, a rigor, falsos

ou hipócritas: não autênticos. Ou seja, enganosas auto ficções, meras mentiras que se fazem passar por pretensas realidades, ou então relatos não fictícios que preferem explorar a ambiguidade entre um e outro campo. Apesar de pantanoso que parece esse terreno, ainda assim cabe indagar se todas essas palavras e essa enxurrada de imagens não fazem nada mais (e nada menos) do que exibir fielmente a realidade de uma vida nua e crua. Ou se, ao contrário, esses relatos criam e expõem diante do público um personagem fictício. Em síntese: são obras produzidas por artistas que encarnam uma nova forma de arte e um novo gênero de ficção, ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais de pessoas como *você, eu e todos nós?* (SIBILIA, 2009, p. 35).

No contexto da série se percebe uma encenação por parte da personagem, ela não era quem aparentava ser, as influências do sistema sob a vida e as decisões de Pound ficam bem evidentes por meio das suas ações, gerando uma múltipla identidade, uma Lacie nas redes e uma Lacie “real”. E nesses dias? Sibilía (2008) usa o termo “fome de realidade”, para descrever a necessidade que os usuários de aplicativos e das redes possuem na era digital. Diante dessa colocação e dos fatos abordados no episódio, lembremo-nos do *Instagram*, um *app* que é bastante parecido com o da série. Os *stories* é a tendência mais recente, a vida narrada de maneira real – ou não – cativam os internautas, mantendo-os fissurados à idealização de estarem mais próximos de pessoas reais como elas, talvez um ídolo que em outros tempos só acompanhassem pela TV. Essa moderna ferramenta convida os seguidores a interagir, comentar, repostar, compartilhar, participar de uma vida nua daqueles que admiram - famosos ou pessoas comuns. Esse novo modo de interação, aqui denominada por Thompson (2018) de “Interação mediada *online*”, desfaz a fronteira entre público e privado, tendo em vista que, a exibição de si mesmo se tornou um aspecto recorrente e característico da cultura digital.

Uma intensa “fome de realidade” tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz ao consumo de vidas alheias e reais. Os relatos desse tipo recebem grande atenção do público: a não ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção (SIBILIA, 2008, p. 45).

Outra possibilidade de interação permitida pelas redes sociais como *Instagram, Facebook, Twitter*, que estão na lista de mais usadas no mundo, segundo Gomes (2015) é que “Através de redes sociais mediadas pelas tecnologias digitais, tendemos a conhecer pessoas que compartilham interesses semelhantes em vez de pessoas que habitualmente estão no mesmo espaço físico” (p. 105.) Percebemos nesse sentido, um novo modo de relações, estabelecidas e mediadas em sua

totalidade pela tecnologia. Na série Lacie possuía um ciclo vasto de amizade virtual, mas boa parte desses amigos não se relacionava com a personagem na vida “real”. Esse tipo de relação pode ser denominado de relações puras, Gomes (2015), pois o único ganho é a relação em si, não sendo uma estrutura da ordem social. A amplificação das conexões nas redes, para Recuero (2009), geram redes conectadas e hiperconectadas, diminuindo a distância social entre os indivíduos e gerando grupos de interações mais heterogêneos.

Os fatos mencionados nesse capítulo são situações advindas da natureza da sociedade em vias de midiatização, um fenômeno linear que acompanha a evolução social e tecnológica da humanidade. Véron (2014) considera que:

O crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, tipicamente produz efeitos radiais, em todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes intensidades todos os níveis da sociedade funcional. Em segundo lugar, o caráter radial e transversal (ibid, p. 16).

A midiatização presente na contemporaneidade é um fenômeno que está aquém da instrumentalidade de um processo meramente técnico, esta por sua vez assume centralidade crescente na sociedade, permitindo aos sujeitos ligações e conexões em espaços e tempos diferentes promovendo novos modos de relacionamentos coletivos e individuais (SANTOS e ALMEIDA, 2018).

Um olhar mais sensível sob esse episódio, em paralelo com a realidade, nos condiciona a gerar certa negatividade em relação ao uso da tecnologia, entretanto, essa produção audiovisual aparatada na veracidade já enfrentada nos dias atuais, conduz a reflexão de percebermos nosso lugar no mundo e na responsabilidade afetiva das relações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto nessa pesquisa, o limiar da humanidade coincide com o advento da linguagem e da escrita, foi a partir do seu surgimento que o homem passou a se relacionar consigo mesmo e com o mundo, esboçando uma nova forma da consciência humana. O processo de globalização acompanhado do desenvolvimento das Tecnologias de Comunicação e Informação nos coloca numa sociedade midiaticizada, uma nova ambiência, na qual os indivíduos se relacionam com esses novos aparelhos de forma cada vez mais intensa. Utilizamos nessa pesquisa conceitos de autores que, em grande parte não viverem nesse tempo, mas suas reflexões nos impulsionam a perceber os novos mecanismos de operação social que integram a sociedade pós-moderna.

O percurso traçado até aqui funciona como um ponto de partida para pensar as dinâmicas sociocomunicacionais dessa era digital. A Midiatização serve como pano de fundo para pensar a Comunicação como uma disciplina autônoma e importante para as demais áreas do conhecimento. Dentro dessa perspectiva inserimos os episódios *Nosedive* e *Arkangel*, da série britânica *Black Mirror*, por entender que os dispositivos apresentados na trama provocaram formas de interação específica, se consolidando como um gatilho para pensarmos as relações sociais, num momento em que as tecnologias de comunicação e de informação assumem centralidade na sociedade contemporânea, passa a ser entendidas não apenas como técnicas mediadoras e difusoras de conteúdos, mas enquanto instituições que transformam e inauguram novas formas de organizações sociais, nas palavras de McLuhan (1969) criam um ambiente humano novo.

As discussões apresentadas em cada capítulo suscitaram reflexões que nos conduziram até aqui, mas para, além disso, evidenciam a potencialidade dos conceitos que quando articulados com a realidade nos coloca numa posição de ordem e desordem, pessoal e social. Essa teia de conceitos por vezes, pantanosa, indica uma sociedade que está num processo acelerado de transformações. As colocações feitas nesse estudo não fecham um ciclo, mas abrem outros caminhos e possibilidades para percebermos como produzimos significados sobre o mundo, enquanto ser coletivo, e sobre nós mesmo, enquanto ser individual.

O avanço dessa pesquisa demonstrou que pensar as novas formas de sociabilidade nesse tempo é algo complexo e que terminar esse trabalho com uma resposta pronta seria audacioso, tendo em vista, que tratar dessa temática é envolver sujeitos que estão num processo contínuo de transformação e o modo de se relacionar com outros indivíduos também é modificado constantemente. Entendemos que as dinâmicas socioculturais tendem a se alterarem quando ocorrem mudanças sociocomportamentais, a sociabilidade não se desenvolve de maneira estável, mas a todo o momento é inaugurado “novas formas” de se relacionar com o outro e com o mundo, gerando uma espécie de metamorfose social. Somos seres digitais, a vida é digital, é necessário compreender como as pessoas utilizam a tecnologia, mas, para, além disso, compreender como essas tecnologias digitais inclinam-se para adquirir independência no curso da vida social é crucial. Qualquer que seja a área social é utópico ignorar o fato de uma sociedade que está permeada pela tecnologia, sobretudo os aparelhos móveis portáteis de comunicação. Portanto, finalizamos essa reflexão, como já dito, não demarcando o fim de um ciclo, mas como um suporte que amplia outras possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BEZERRA, Arthur Coelho. **Os reflexos do grande irmão no admirável espelho novo de Black Mirror**. 2011, Rio de Janeiro - RJ.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação?** 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BURKE, James Robert Ornstein. **O Presente do Fazedor de Machados: Os dois gumes da história da cultura humana**. Editoração: Art Line, 1999.
- BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos VIII(2): maio/agosto 2006**
- BRAGA, JL. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. Mediação & midiatização [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. In: MORAES, Denis. Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. – 4 ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.
- DELEUZE, G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle** (1990). In: _____. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. Matrizes. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USP**. São Paulo, 2008, ano 1, n.2, p. 89- 105.
- FIRMINO R., José. Securitização, Vigilância e Territorialização em Espaços Públicos na Cidade Neoliberal. In: BRUNO, Fernanda *et al.* (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Bom tempo, 2018.
- FERREIRA, Rubens da Silva. **A sociedade da informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle**. Dezembro, 2014.
- FRANÇA, Vera. **O objeto da comunicação: a comunicação como objeto**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (Orgs.). Teorias da comunicação: escolas, conceitos, tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, P. G.. **Dos Meios à Mídia**: Um conceito em Evolução – Editora Unisinos, RS, 2017.

Gomes, Vitor José Braga Mota. **Capture, compartilhe e interaja**: um estudo sobre as condições materiais e as performances sociais observadas em um aplicativo de produção e compartilhamento de imagens. Salvador, 2015.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos mediados: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, São Paulo, 2014.

HJARVARD, Stig, Mídia: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**, vol. 5, núm. 2. 2012.

HJARVARD, Stig. Mídia: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES** V.S Nº 1, São Paulo, 2014.

LEMOS, A. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEMOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror**: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação - Salvador: EDUFBA, 2018.

LYON, David. Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In: BRUNO, Fernanda et al. (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Bom tempo, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. **Revista FAPESP**, São Paulo, p.10-15, set. 2009b.

MARTINO, Luiz C. **Abordagens e Representação do Campo Comunicacional**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 3, p.33-54, 2006.

MATOS, Heloiza. **Capital Social e Comunicação**: Interfaces e Articulações. São Paulo: Summus, 2009.

MCLUHAN, H. MARSHALL **Os meios de comunicação como extensão do homem** Editora Cultrix, 1969, 407 - Os meios de comunicação: como extensões do homem. Editora Cultrix, 1974.

PONDÉ, Felipe Luiz. **O poder de representação da linguagem audiovisual**: disponível em: <http://euzebiocarvalho.blogspot.com/2013/07/o-poder-de-representacao-da-linguagem.html>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Sujeito, Subjetividade e Identidade no Ciberespaço**. 2010.

SANTOS, Daise Maria Silva; ALMEIDA, Ronivaldo Silva. Mídia e o Meio é a Mensagem: Uma Análise do Episódio Nosedive de Black Mirror. Disponível em: **Anais do Intercom Nacional**, SC, 2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: e a vida com relato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SIMMEL, Georg. (2006). **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.

STASIAK, D. **Sociedade midiaticizada**: as afetações do Campo dos media na contemporaneidade. *Comunicação & Informação (UFG)*, v. 12, p. 77-88, 200.

THOMPSON, John B. A Interação Mediada na era digital. **MATRIZES** - V.12 - Nº 3 set./dez. 2018 São Paulo.

VÉRON, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, 2014, p. 13-19.